

OPINIÃO

A teoria do improviso

Antonio Carlos Morad (*)

Quando do início da industrialização no Brasil começamos a conhecer o perfil do empresário brasileiro.

Imigrantes e antigos "barões" distintamente iniciaram operações em quase todos os setores do mercado da época: fiação; tecelagem; química básica; metalurgia e fundição; alimentos, entre outros segmentos não menos importantes. Começava ali uma nova era para o país, onde o ruralismo anacrônico dava lugar aos novos setores.

Com o passar do tempo e, principalmente, com o pós-guerra, a indústria se tornou mais pujante, ocorrendo naquele período uma reforma e modernização ainda maior, que fez com que as empresas estrangeiras sentissem um grande atrativo em se estabelecer no Brasil. Empresas multinacionais em seguimentos básicos acabaram por se instalar no país. Novas oportunidades surgiram, pois era necessária uma indústria secundária, que produzisse as peças, ferramentais e afins para essas novas gigantes que aqui se fixavam.

Um novo caminho foi traçado, com um claro crescimento e enriquecimento de inúmeros industriais e comerciantes. As empresas que nasceram tinham como "donos" as famílias, e assim se mantém até os dias atuais, com raras exceções. A gestão familiar a partir de um patriarca sempre foi um sério problema para o desenvolvimento e transformação do parque industrial. Havia um empreendedor, com seus filhos, netos e mais nada. As empresas nacionais acabaram por parar de evoluir em certo ponto do caminho.

A governança corporativa sempre foi algo necessário a ser importado, porém não se fazia interessante para o empresariado nacional. A mentalidade arcaica acabou por permear negativamente para os médios e pequenos empresários, incluindo-se nessa cesta os empresários do setor de serviços, comércio e até mesmo aqueles do setor financeiro. Com isso, surgiu o gestor "suicida", aquele que improvisa sobre questões simples e até nevrálgicas de sua empresa. E o pior é que, atualmente, o empreendedor improvisador vem aumentando em quantidade. Mas afinal, o que ou quem é o administrador improvisador?

Nossa experiência ensina quais são as situações, diversas e volumosas, que ocasionam os erros crassos de gestão. Começamos pela mentalidade do empresário quanto ao entendimento sobre riqueza. Empoderar-se economicamente não significa gerar e potencializar ganhos com a permissão sequencial de sacar os lucros para suas contas

personais. Os proprietários das empresas detêm pouca compreensão sobre o que ali foi construído por ele: um bem social que se expressa em princípios jurídicos importantes, porém, muito pouco exercitados.

O improviso parte de situações que se originam da falta desse entendimento. A ideia de que o enriquecimento é dos empreendedores e não da empresa ocasiona um desequilíbrio financeiro, causado pelo inchaço crônico das retiradas de caixa para responder às enormes despesas que surgem do pseudo progresso desses empresários. A manutenção de patrimônio extraordinário pela empresa acaba por levar o gestor à busca por mais capital, seja de bancos, seja por financiamento interno, ou, ainda, pela interrupção de recolhimento de tributos para maior liquidez nas retiradas.

Essas e outras inúmeras formas de improvisar acabam por desequilibrar ou até mesmo destruir a empresa. Mas o improviso não se restringe apenas a essas questões. São inúmeros os deslindes ocasionados pela gestão empírica ou inepta, podendo um advogado ou gestor profissional elencar centenas de casos e atos que se encaixam numa improvisação.

Ultimamente, por exemplo, vê-se empresas buscando parcelamentos de tributos em que as três esferas (federal, estadual e municipal) instituíram basicamente uma mesma fórmula excepcional de pagamento que, se bem analisada por economistas e contabilistas, descobrir-se-á que existe um claro encavalamento e duplo descaixe de valores, onerando a empresa doente num cerco interminável de aperto financeiro.

Como um torniquete, as empresas são apertadas dia a dia até ocasionar situação de insolvência. Ainda, tem-se o caso das empresas negativadas por falta de liquidez buscarem capital de giro e fomentos em financeiras que cobram juros que ultrapassam os lucros do caixa. A geração desses percalços advém de improvisações que nada mais são do que vícios de gestão, mais conhecidos como desvios de condutas no âmbito empresarial.

E o antidoto para esse veneno, qual seria? Fácil responder: a entrega do controle da empresa para gestores profissionais com currículos competentes. Um bom gestor pode colocar novamente uma empresa nos eixos, mostrando aprofundamento técnico e estratégico, com conhecimento e visão fria, sem emoções ou inseguranças, pois, atualmente, somente uma boa administração poderá corrigir erros que vêm inviabilizando e paralisando a empresa improvisada.

(*) - Advogado titular da Morad Advocacia Empresarial (<http://morad.com.br>).

ESG e você: O que sua empresa precisa saber

Parece que, de repente, só se fala em ESG. Em dezembro de 2020, li sobre o tema pela primeira vez, quero dizer, primeira vez com esse nome, porque a relação entre meio ambiente, responsabilidade social e governança não é nenhuma novidade.

Carolina Cunha (*)

Muitas empresas já possuem, há muitos anos, ações e indicadores para mensurar o seu impacto. Existem metodologias, certificações e boas práticas sendo aplicadas no mercado.

Mas, aos poucos, a demanda por entender melhor o universo de ESG foi saindo da mesa do acionista e entrando nas diversas esferas das empresas, seja do financeiro, comercial, marketing, TI, compliance e por aí vai. O objetivo desse artigo, então, é compilar um pouco desses conceitos e entender porque essas letrinhas não irão embora do vocabulário empresarial tão cedo.

Mindset de stakeholders

Foi-se o tempo em que uma empresa construía o seu patrimônio à custa do sangue, suor e lágrimas dos colaboradores, parceiros e clientes. Em décadas passadas, era comum ver uma empresa estrangular seus fornecedores em negociações abusivas, que só favoreciam o lado mais forte, ou ganhar dinheiro em cima dos consumidores, que tinham pouca base de comparação entre produtos e serviços para fazer sua decisão de compra. Era comum, ainda, ver funcionários exaustos, que odiavam os seus empregos, e precisavam ser vigiados de perto por um carrasco, ops, um supervisor, para entregarem o seu trabalho.

E tudo o que estava da porta para fora de uma empresa, não era problema dela. Se um fornecedor apresentasse alguma prática duvidosa, isso é problema dele. Certo?

Errado. Isso tudo, na maioria das empresas, é passado. Vivemos hoje uma realidade empresarial que o Fórum Econômico Mundial realizado em Davos, em janeiro de 2020, chamou de Capitalismo de Stakeholders. Ninguém está sozinho no mundo e se não trabalharmos todos juntos em prol de algo maior, não sobrará nada para as próximas gerações. Muitas empresas, atualmente, possuem receita maior do que o PIB de muitos países. E como dizia o Tio Ben, "Com grandes poderes vem também grandes responsabilidades".

O capitalismo de stakeholders prega que a relação com a empresa deve atender aos interesses dos acionistas sim, como no passado, mas também visa beneficiar os executivos, clientes, fornecedores, funcionários e a comunidade em que a empresa está inserida. A relação deve ser ganha-ganha, respeitosa, e com impactos positivos no mundo.

E o que se ganha com o ESG?

Em primeiro lugar, mais clientes. Cada vez mais, percebemos que as gerações novas (millennials e geração Z) são 'drivados' pelos seus propósitos mais do que pela busca por crescimento profissional. Eles querem trabalhar em companhias que fazem a coisa certa e querem comprar produtos e serviços que entendem o seu impacto social e ambiental no mundo. Nem pense em testar seus produtos em animais ou discriminar racialmente seus



Svetlana Lazhko_CANVA

funcionários e achar que vai ficar tudo bem. E esses jovens que hoje estão nas faculdades, sonhando em trabalhar de bermuda, representarão 75% da força de trabalho global em 2025.

Essa força de trabalho está, cada vez mais, ganhando poder de compra, chegando aos cargos de tomadores de decisão nas empresas ou até abrindo seus próprios negócios. Se eles ainda não são os seus clientes, prepare-se, porque em breve eles serão.

E fique atento, pois eles estão de olho nas suas redes sociais. Nem sonhe em praticar greenwashing, ou seja, ter práticas que se dizem sustentáveis somente para fazer marketing em cima disso, mas que, na verdade, não se sustentam (trocadilho intencional) porque são rasas e superficiais. Seja verdadeiro sobre as causas que você defende e não levante bandeira por algo que não pratica, pois seus clientes estão prontos para expor seu blefe publicamente e abalar seriamente a sua reputação, o que irá te custar novos clientes.

Outro ponto importante para se ter em vista é que empresas que possuem indicadores de ESG estão mais alinhadas ao caminho que o mundo está seguindo e, portanto, correm menos riscos em longo prazo. Diversos países se comprometeram com a Agenda 2030 da ONU - que apoiará pessoas a prosperarem em um planeta saudável e em paz, por meio de parcerias - e já programam a proibição de combustíveis de queima fóssil, regulam a emissão de carbono e buscam energia limpa. As empresas que voluntariamente topam iniciar sua jornada em ESG e, desde já, adotam os ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável) e comprovam suas evoluções por meio de indicadores mensuráveis, estão mais propensas ao sucesso em longo prazo.

Por fim, podemos dizer que o chamado, Investimento de Impacto veio para ficar. Esse termo, cada vez mais comum nas conversas do mercado financeiro, diz respeito aos investimentos realizados em empresas que conseguem gerar um impacto social ou ambiental positivo e transformador, trazendo retorno financeiro no processo. É o pensamento coletivo reforçado no capitalismo de stakeholders, citado acima.

Essa nova onda de colocar as iniciativas ESG em pauta começou após um relatório chamado 'Who cares wins: connecting financial markets to a changing world'. Originado do Pacto Global da ONU, o relatório sugere diretrizes para o desenvolvimento sustentável e reforça o papel do setor financeiro nesse contexto. Porém, por mais que a origem esteja enraizada em um contexto financeiro, entender sobre ESG é dever de casa para todas as áreas da empresa, por diversos motivos.

A inovação é um deles. Um dos grandes princípios da atuação ESG é o fomento da diversidade dentro da empresa. Não somente do corpo operacional, mas inclusive entre os executivos e nos conselhos de administração. Pessoas diferentes trazem olhares diferentes para os mesmos problemas, e por consequência, apresentam diferentes soluções. Esse é o fundamento principal da inovação, ter novos olhares.

Por esse motivo, a empresa que tem metas de diversidade em todos os níveis e busca avaliações constantes por meio de comitês internos e outras iniciativas acabam sendo também as mais inovadoras. E isso se reflete nos resultados. Segundo pesquisa realizada pela McKinsey, empresas com maior pluralidade nas equipes e que priorizam a diversidade alcançam resultados até 21% maiores do que aquelas que não tem esse foco.

O mais importante de tudo é entender que ESG não é uma moda passageira. Não adianta a empresa ter iniciativas desconectadas apenas para ganhar espaço na mídia e surfar na onda da visibilidade. E não adianta também ter uma área dedicada ao tema trabalhando sozinha na missão de levar a cultura de sustentabilidade para a empresa.

É fundamental que a alta liderança da companhia esteja engajada de forma consistente, entendendo que as mudanças são necessárias para fazer a empresa crescer. Na verdade, sempre foi assim. Pois ESG não é uma novidade, apesar do buzz atual. ESG é a sustentabilidade atrelada aos resultados do negócio, uma evolução que as futuras gerações agradecem. E nós também.

(*) É gerente de Comunicação e Marketing da Microcity.



News @TI

ricardosouza@netjen.com.br

Linha de serviços

@A TD SYNEX, que resulta da fusão da SYNEX com a Tech Data, consolida no Brasil sua organização de serviços, oferecendo ao mercado um portfólio que engloba do treinamento aos serviços profissionais, do monitoramento de redes e segurança à entrega de equipamentos configurados ao cliente. Todos os serviços podem ser prestados na modalidade white label, com faturamento direto à revenda prestadora, ainda que os profissionais sejam da TD SYNEX, ou vice-versa, com faturamento à TD SYNEX mesmo quando realizados por profissionais do parceiro. Dessa forma, a distribuidora mantém a flexibilidade para facilitar o fechamento de negócios, uma vez que empresas de todos os setores tendem a preferir o outsourcing de serviços. "Serviços são peças-chave nos dias de hoje, em que as empresas normalmente trabalham com equipes enxutas e cada vez mais vêm contratando TI por consumo. Nesse contexto, faz todo o sentido a compra de serviços externos, seja por contratos ou pontualmente. O setor de serviços da TD SYNEX desenvolveu ao longo dos anos um extenso portfólio, capaz de atender às mais diversas demandas de nossos parceiros no atendimento ao cliente final", diz Leonardo Victorino, Services Director Brazil (<https://www.tdsynex.com/>).

OKCARTORIO.COM inova com plataforma que conecta usuários aos cartórios

@Com o slogan "Vá ao Cartório Sem Sair de Casa", os advogados André Cunha Lima, João Arthur Bandeira e o economista Gabriel Neves, tiveram a ideia de levar o cidadão comum ao cartório, sem sair

de casa. De forma on line, através de videoconferência, a OkCartorio.com atua como um agente facilitador, conectando o usuário ao cartório, prestando assessoria jurídica com praticidade e rapidez na comunicação, sem a necessidade de idas presenciais aos cartórios. A start-up surge como um canal facilitador e de aproximação, unindo o cartório aos usuários, inclusive brasileiros que residem fora do país. Atos como procuração, escritura de compra e venda de imóveis, certidões atualizadas, autenticações, união estável entre pessoas que residem em países diferentes, divórcios, tornam-se fáceis, através de um clique. A start-up identifica o cartório competente, conecta o cliente e resolve.

ABII lança vídeo com aplicação prática de Gêmeo Digital

@A ABII - Associação Brasileira de Internet Industrial lança vídeo que mostra a aplicação prática de um Gêmeo Digital utilizando uma cafeteira. O projeto foi desenvolvido pelo GT Tecnologia, que montou um grupo de estudos sobre o tema ainda no final de 2020. Para concretizar o vídeo, o GT contou com o apoio da associada Oco-tea Filmes. O time responsável por criar o roteiro do vídeo também escreveu um artigo, detalhando as aplicações desta tecnologia, que será lançado nos próximos dias nos canais da ABII. O Gêmeo Digital vem sendo tratado como um dos principais facilitadores para a integração de tecnologias habilitadoras da indústria 4.0 e para a transformação digital dos negócios. Conforme os líderes do GT Tecnologia, Jordana Arruda e Robson Klug, o tema Gêmeo Digital foi ganhando destaque em 2020 (https://www.youtube.com/watch?v=b4C_7n3KDSQ&t=269s).